

O PÓS-MODERNISMO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS: ANOTAÇÕES SOBRE O ATUAL ESTADO DA DISCUSSÃO

*Postmodernism and the Social Sciences:
notes on the state of the debate*

Resumo Este artigo apresenta uma visão geral da contribuição de autores clássicos do pós-modernismo, no que concerne à interpretação das novas configurações do social, no último quartel do século XX, bem como em referência às suas estratégias de produção de análise científica. Tentamos mostrar aqui os eventuais pontos de contato entre as teorias pós-modernas do social e as diversas contribuições dos clássicos das ciências sociais, em geral, e da sociologia, em particular, chamando a atenção para os limites impostos, pelos momentos históricos em que são elaboradas as interpretações mencionadas, tanto ao primeiro quanto ao segundo grupo de teóricos.

Palavras-chave PÓS-MODERNISMO – TEORIA SOCIOLÓGICA – METODOLOGIA.

Abstract This article presents a general approach of the contribution of postmodern classic authors on the interpretation of new configurations of societies in the last quarter of the Twentieth Century as well as the strategies for their scientific analysis production. We try to show here some points of contact between the postmodern social theories and the several contributions of the classics of Social Sciences, specially Sociology, seeking to demonstrate the limits that the historical moments in which the mentioned interpretations are elaborated impose both to the first and second groups of authors.

Keywords POSTMODERNISM – SOCIOLOGICAL THEORY – METHODOLOGY.

**LEMUEL DOURADO GUERRA
SOBRINHO**

Doutor em sociologia, professor
adjunto do Departamento de
Sociologia e Antropologia da
UFPB, Campus II
lenksguerra@yahoo.com



INTRODUÇÃO



s múltiplas maneiras das quais o termo *pós-modernismo* tem sido usado tornam impossível a tarefa de destacar alguns poucos ensaios, ou um livro específico, como exemplos inquestionáveis do pós-modernismo na sociologia. Reconhecendo que a variedade de significados associados aos termos *pós-modernidade* e *pós-moderno* tem suas raízes na polissemia do conceito de *modernidade*, defende-se neste artigo a idéia de que, ao invés de concentrar esforços na tentativa de precisar os aspectos conceituais da discussão sobre a emergência da pós-modernidade e do pós-moderno, é mais frutífero destacar uma série de questões colocadas pelos autores eventualmente classificados como pós-modernos à teoria e à pesquisa social. É a isso que se propõe este artigo, reconhecendo-se os limites ligados ao espaço exíguo para uma discussão desse escopo.

Embora os pós-modernos insistam numa proposta de desconstrução da sociologia, ao nosso ver, na verdade, existem pontos que aproximam os diversos elementos da análise pós-moderna dos principais constituintes da tradição sociológica. Em muitas de suas manifestações, aquela se direciona ao mesmo tipo de questões que inquietaram a imaginação sociológica, desde o surgimento da disciplina no século XIX. Essas questões incluem as referentes à natureza e extensão das transformações em larga escala nas sociedades ocidentais, aos seus efeitos correspondentes sobre a natureza da interação e a construção das identidades, e à necessidade de novas estratégias metodológicas. Vistas desse modo, as perspectivas pós-modernas mostram, se examinadas propriamente, um notável paralelismo com os projetos de Marx, Weber, Simmel, Durkheim e outros da tradição sociológica clássica, que lutaram para encontrar novas maneiras de entender as mudanças sociais na estrutura social e no cotidiano, cada um em seu tempo e à sua maneira.

Assim, é possível destacar como algumas das principais mudanças estruturais enfatizadas nas abordagens pós-modernas as seguintes: o declínio da eficácia política dos Estados-Nação que apareceram na modernidade (tanto internamente quanto externamente), as transformações econômicas nos processos de produção e na organização das relações de produção, e, no campo da cultura, o progressivo estabelecimento do consumismo, provavelmente a principal atividade social e simbólica das sociedades contemporâneas, mediada pelos meios de comunicação de massa. Tudo isso provocando algumas alterações na natureza das categorias sociológicas convencionais, como as de classe, status, gênero e partidos políticos.

No nível da interação, os autores do pós-modernismo enfatizam o que vêem como uma crescente superficialidade nas relações sociais e as conseqüências destrutivas para a formação da identidade individual. Seu diagnóstico crítico é baseado largamente numa extensão da análise de Marx e de Simmel dos efeitos desintegradores da inexorável mercadorização na vida moderna, acelerada pela forte influência dos meios de comunicação de massa, especialmente da televisão, nas sociedades contemporâneas. Mead, o teórico clássico que ana-

lisou a construção da identidade com mais detalhes, postulou essa consideração sobre o desenvolvimento das identidades organizadas no que ele chamou de “atitudes sociais generalizadas” da comunidade. Embora Mead tenha reconhecido a crescente complexidade do processo de autodesenvolvimento nas altamente mutáveis sociedades modernas, atribuiu-lhe a produção de indivíduos mais racionais e autônomos. Para os pós-modernistas, a perda dos padrões gerais comunitários, e sua substituição pelas imagens mercantilizadas produzidas pelos meios de comunicação, inibe a construção de identidades sociais estáveis, como sugerido em seus anúncios de “fim de social” e de “desaparecimento do homem”.

Vários ensaios que focalizam as relações entre a produção das ciências sociais e as teorias do pós-moderno discutem muitos desses pontos destacados acima, provendo exposições detalhadas e críticas dos maiores representantes do pós-modernismo da teoria social pós-moderna e dos seus métodos, numa tentativa de articulá-los com os cânones da prática do que às vezes é chamado de epistemologia tradicional.

Muitos dos recentes comentários sobre a teoria pós-moderna feitos pelos teóricos da sociologia mais convencional têm sido altamente críticos, quando não destrutivos. Alguns negam a validade substantiva do pós-modernismo como uma descrição da sociedade contemporânea,¹ enquanto outros condenam a crítica proposta pela teoria pós-moderna como autodestruidora.² Uma exceção notável é Seidman, que propõe uma profunda reorientação da teoria sociológica baseada nas narrativas pós-modernas, que contam histórias sobre a sociedade com um significado moral, social, ideológico e, talvez, mais diretamente político.³ Na linha de inspiração marxista, destacamos Eagleton, que apresenta uma refinada crítica política e teórica do caráter extremamente ambivalente do discurso do pós-modernismo.⁴ Segundo ele, esse discurso é capaz de soar tão radical quanto conservador. Anderson, ao adotar uma perspectiva mais historiográfica do surgimento

do(s) conceito(s) de pós-moderno,⁵ faz uma análise seguindo basicamente a linha jamesoniana, que, evitando uma avaliação moral do pós-modernismo, prefere trabalhar no sentido de entender as condições sociocultural-históricas da emergência e do estabelecimento do debate a respeito das temáticas e transformações sociais concretas, tornadas objeto da consideração dos teóricos da pós-modernidade.

Entre os temas clássicos na discussão sobre a articulação das propostas teórico-metodológicas no âmbito do pós-modernismo, destacaremos, com a brevidade imposta pelas limitações do espaço deste artigo, os seguintes: 1. Foucault e suas questões inspiradas no pós-estruturalismo; 2. o pós-modernismo extremista: Baudrillard, a questão do fim do social e o vale-tudo epistemológico proposto por Lyotard; 3. a cultura no pós-modernismo: as contribuições de Bell e de Jameson; 4. os questionamentos dos pós-modernos à Teoria Social; 5. metodologias propostas pelos pós-modernos: a desconstrução e a sociosemiótica; 6. o impacto das propostas metodológicas pós-modernas sobre a teoria social: o caso da etnologia.

FOUCAULT E AS QUESTÕES DE INSPIRAÇÃO PÓS-ESTRUTURALISTA

O entendimento de Foucault sobre pós-moderno, a despeito de sua negação dessa classificação, também pode ser justificado pela sua crítica à racionalidade do iluminismo, às abordagens totalizadoras da história e da sociedade, e às teorias humanísticas do sujeito.⁶ Todas essas críticas são temas-padrões das teorias pós-estruturalistas, mas um aspecto, pelo menos, contribui para distanciar a abordagem de Foucault daquelas dos outros pensadores franceses, entre eles, Baudrillard, Lyotard, Deleuze e Guattari: mesmo falhando na distinção entre as diferentes formas de conhecimento e poder, e tendo escrito pouca coisa sobre a sociologia como disciplina, Foucault disse muito a respeito da sociologia da disciplina, abrindo a possibilidade de várias aplicações do seu pensamento na construção da abordagem sociológica do mundo contemporâneo.

¹ Cf. GIDDENS, 1990; e CALHOUN, 1992.

² Cf. COLLINS, 1990; e ALEXANDER, 1991.

³ SEIDMAN, 1999, p. 141.

⁴ EAGLETON, 1998.

⁵ ANDERSON, 2000.

⁶ Cf. BEST, 1994.

É desnecessário afirmar a relevância do trabalho de Michel Foucault para as ciências sociais contemporâneas, em geral, e, particularmente, para a sociologia. Sem querer fazer aqui uma síntese do pensamento foucaultiano, cabe destacar alguns pontos relativos à sua trajetória e contribuição, que justificariam sua inclusão no conjunto de autores pós-modernistas. Em primeiro lugar, podemos localizar nas mudanças do pensamento de Foucault, quando ele passa dos primeiros estudos arqueológicos ao enfoque genealógico sobre as intrincadas relações entre as formas de discurso e o poder, que ele renuncia a seus interesses na gênese abstrata do conceito de *subjetividade* nas sociedades modernas, em favor de uma preocupação maior com a gênese prática das modernas representações do sujeito e da moralidade, dentro do contexto das estratégias sociais de dominação.

Em uma entrevista concedida por Foucault cinco meses antes de sua morte, ele declarou que a relação entre a questão do conhecimento e a do poder não era mais o problema de maior importância para ele, a não ser como instrumento de entendimento do problema mais fundamental das relações entre sujeito e verdade.⁷ Essa descrição de Foucault sobre a sua principal preocupação intelectual ajuda a clarear o que muitos comentadores viram como [um complicado distanciamento da análise do poder observada em seus últimos livros, colocando-o junto com outros pós-modernos que promovem a centralização da discussão referente ao sujeito, à(s) subjetividade(s), integrados ambos na consideração da questão do corpo e da identidade, no âmbito das ciências sociais].⁸

A abordagem foucaultiana das maneiras pelas quais os indivíduos modernos se constituem como sujeitos e objetos do conhecimento, sua reflexão sobre a natureza do poder na modernidade e sua versão do nascimento das ciências humanas lançaram nova luz sobre algumas das principais preocupações da sociologia clássica. A exemplo de outros pós-modernistas, Foucault tentou dar conta das imensas mudanças na economia, tecnologia e cultura das so-

iedades capitalistas do século XX, elaborando uma crítica contundente dos valores do iluminismo e de alguns aspectos da teoria social moderna.

A teoria sociológica pode lucrar muito valendo-se de uma confrontação com o pensamento pós-moderno em geral. Em Foucault, que não era especificamente um sociólogo, é possível encontrar pelo menos três aspectos inspiradores de uma sociologia da sociologia, podendo ser utilizados na reconfiguração do campo, no sentido de criar nele condições capazes de garantir a validade e a relevância das atividades dos sociólogos. O primeiro deles é sua sugestão implícita de uma abordagem sociológica que adote uma visão multiperspectivística da realidade, combinando as abordagens da filosofia, da história e da ciência política; o segundo, sua proposição de desmantelamento da idéia de sociedade como unidade ou totalidade, chamando a atenção para o fato de ela se constituir apoiada num amálgama de discursos, instituições e práticas. Isso pode ajudar os sociólogos a refazer suas estratégias de análise e a recompor os vocabulários com base nos quais as interpretações do mundo social são por eles construídas; o terceiro, sua contribuição para que os sociólogos aprendam a suspeitar das operações de poder, da racionalidade, do conhecimento e das normas sociais, das estratégias de construção dos sujeitos e mesmo das propostas de emancipação formuladas no âmbito da sociedade. A perspectiva sugerida e praticada por Foucault tem a vantagem de recusar o hiper-relativismo de muitos dos seus colegas pós-modernos, na medida em que enfatiza a concretude das práticas de poder e subjugação. Desse modo, pode contribuir também para a redefinição do papel do sociólogo, que, na sua visão, não deve se dar ao luxo de produzir análises sociais por diletantismo, mas tem a obrigação de colaborar, com seus trabalhos, para os movimentos de resistência política.⁹

Embora ligados a uma mesma tradição teórico-filosófica, e partilhando da mesma cultura, Lyotard e Baudrillard, autores que serão comentados a seguir, tomarão direções que se distanciam da visão

⁷ FOUCAULT, 1988.

⁸ Cf. EAGLETON, 1998.

⁹ Política aqui é entendida no sentido foucaultiano: lutas de resistência aos mecanismos de poder e de subjugação que se encontram pulverizados em toda a extensão do tecido social.

foucaultiana dos tempos pós-modernos. Vamos a eles!

OS PÓS-MODERNOS EXTREMISTAS: BAUDRILLARD E LYOTARD

A dramática afirmação, feita por Lyotard, de que as fontes de legitimação da ciência e da filosofia no ocidente, nos moldes estabelecidos pelo iluminismo, não seriam mais viáveis¹⁰ e a provocativa tese de Baudrillard de a sociologia e seu objeto, *o social*, serem obsoletos¹¹ são duas das citações mais bombásticas dentro das contribuições da literatura pós-moderna.

Embora Lyotard e Baudrillard tenham ambos se preocupado em fornecer abordagens antifundacionistas que questionam a relevância das formas tradicionais de teoria sociológica, cabe aqui lembrar também que há uma diferença significativa nas trajetórias intelectuais desses dois teóricos, sempre omitidas nos comentários de suas obras. Enquanto Baudrillard direciona sua análise pós-moderna para conclusões lógicas e niilistas, Lyotard permanece sensível à necessidade de modelos, caracterizado em seu mais recente trabalho, em que busca uma teoria não-representacionista de julgamento, que ainda encontra lugar para uma crítica política e social.¹² Nele, Lyotard exhibe uma sensibilidade às complexidades da teorização e da política pós-modernas no declínio das metanarrativas, que parece faltar na recente proposta de abordagens antifundacionistas à teoria na sociologia contemporânea.¹³

Aspectos da Contribuição de Jean Baudrillard à Teoria do Pós-moderno

Dois aspectos merecem ser destacados no que concerne à teoria do pós-moderno de Baudrillard. O primeiro deles é o fato de que, partindo da teorização de Marx a respeito do capitalismo, Baudrillard atua no sentido de “atualizar” as análises marxistas ao que chama de capitalismo tardio, ou capitalismo de consumo. Para Baudrillard, num sentido marxista, isto é, aquele segundo o qual os teóricos somente

podem enfrentar problemas cujas soluções estejam inscritas no próprio conjunto de possibilidades objetivas históricas, Marx não podia antecipar o que ele considera o lado escuro da dialética, revelado somente na pós-modernidade, que determinou uma evolução do fetichismo racionalista da mercadoria não na direção do *telos* da revolução, baseada na emergência da consciência do papel revolucionário da classe proletária, mas na de uma progressiva separação entre os signos e a produção, e entre os signos e o valor de uso. Essa cisão entre o regime dos signos e o da produção, para Baudrillard, determina o tipo de problema enfrentado na pós-modernidade: não mais os ligados à dinâmica interna da esfera da produção, mas aqueles relacionados ao desejo e ao significado.

Um segundo ponto da contribuição de Baudrillard à teoria da pós-modernidade difere do primeiro aqui citado, porém, se relaciona com ele. Da análise desse regime de separação entre signo e significado, o autor infere que alguns problemas extremamente significativos serão enfrentados pelas ciências sociais pautadas na análise das sociedades modernas. Para ele, as estratégias de representação do real advogadas pela sociologia moderna tornam-se inteiramente obsoletas num mundo onde os indivíduos “existem unicamente como partes indiferenciadas no seio das massas” e elas mesmas “somente existem como pontos de convergência de tudo o que as ondas da mídia as descrevem”.¹⁴ Essa descrição dos indivíduos na sociedade contemporânea corresponderá ao que Baudrillard anuncia como o “fim do social”. Ele afirma que as massas silenciosas são agora “a-sociais”, resistentes a qualquer pedagogia, a toda educação socialista. O que configura a impossibilidade de aplicação dos procedimentos epistemológicos ligados à tarefa racionalista da sociologia moderna de construir representações do mundo social numa conjuntura em que tudo é reduzido a um *simulacro* de si mesmo.

Lyotard e o Fim das Narrativas Totalizantes

Afirmando, como Baudrillard, que o marxismo não responde mais às exigências de uma teoria

¹⁰ LYOTARD, 1988.

¹¹ BAUDRILLARD, 1994.

¹² LYOTARD, 1996.

¹³ Cf. SEIDMAN, 1991.

¹⁴ BAUDRILLARD, 1983, p. 39.

de entendimento do contemporâneo, Lyotard critica Marx em sua pretensão de universalidade. Essa tendência totalizante caracteriza, segundo o autor, a modernidade, que ele irá negar, alinhando-se nessa tarefa com Foucault,¹⁵ Rorty¹⁶ e Feyerabend.¹⁷ Assim como eles, Lyotard combate a tendência da filosofia de trabalhar no sentido da reconstrução mítica da “missão” da prática científica. O que ele coloca em discussão é se o discurso científico é unicamente privilegiado e se é necessário enfrentar a questão sobre as maneiras pelas quais a relação entre ele e a verdade de seus referentes se estabelece e se firma.

De acordo com Lyotard, o discurso autoritário, quer se defina quer não como “científico”, não pode sustentar-se sem referência a narrativas que são parte e emergem do mundo real. O cientista tende a resistir a essas narrativas, classificando-as como “selvagens, primitivas, subdesenvolvidas, atrasadas, alienadas, atravessadas pela opinião, costumes, autoridade, preconceito, ideologia”.¹⁸ Isso significa que a narrativa “científica” têm como pressuposto manter sua legitimidade fora da discussão, enquanto promove a construção de regras cada vez mais rigorosas, objetivando a colocação da legitimidade de outras narrativas sob avaliação constante.

Valendo-se dessa contestação ao caráter único do discurso científico, Lyotard defende a emergência das práticas científicas pós-modernas, que se caracterizam por serem heterogêneas e variadas, com base não na idéia de plausibilidade e validade totalizantes, mas numa visão de ciência como jogo, o que implica uma definição incluindo a incerteza e o acaso. Essa proposta, vinculada ao conceito de *jogos de linguagem*, elaborado por Wittgenstein, exige também a proposição de um novo critério de legitimação, ligado à performatividade:

Podemos dizer hoje que o processo de lamentação se completou. Não há necessidade de começar tudo outra vez. A força de Wittgenstein está no fato de que ele não optou pelo positivismo que estava sendo de-

envolvido pelo círculo de Viena, mas delimitou em sua investigação sobre os jogos de linguagem um tipo de legitimação que é baseada no desempenho. É nisso que se baseia o mundo pós-moderno.¹⁹

Como vemos pelo exposto acima, Lyotard e Baudrillard podem ser considerados em termos de uma divisão de trabalho dentro da teoria pós-moderna-francesa: enquanto Lyotard se concentra especialmente numa metacrítica da teoria social e da filosofia moderna, Baudrillard enfatiza as consequências das mudanças definidas como caracterizadoras do estabelecimento da pós-modernidade. Ambos trabalham com a idéia de que, nas sociedades capitalistas avançadas, declina o consenso legitimador das sociedades burguesas modernas, o que os relaciona às contribuições de dois dos mais importantes comentaristas do pós-modernismo nos Estados Unidos, Fredric Jameson e Daniel Bell.

A CULTURA NA TEORIA PÓS-MODERNA: BELL E JAMESON

Mais especificamente em referência ao campo da cultura nos tempos da pós-modernidade, duas teorias merecem ser salientadas, a de Bell e a de Jameson. Os dois pensadores têm visões divergentes a respeito do papel da cultura na promoção da desintegração do consenso normativo nas sociedades contemporâneas. Bell localiza a origem da cultura pós-moderna no espraiamento das tendências rebeldes da estética moderna, que, de acordo com ele, anteriormente limitavam-se apenas ao trabalho e às vidas de grupos seletos de artistas e escritores, mas a partir dos anos 60 levaram a contracultura para o cotidiano das massas. Sob a direção das elites culturais comercialmente orientadas, mais proeminentemente pelos meios de comunicação de massa, a ordem moral da sociedade burguesa, segundo Bell, estaria sendo substituída por uma imoral “pornotopia”, na qual virtualmente tudo é possível.

Jameson também descreve a cultura pós-moderna em termos de uma ruptura normativa nas sociedades capitalistas avançadas, no entanto, ele teoriza sobre seu advento mais diretamente como um

¹⁵ FOUCAULT, 1973 e 1980.

¹⁶ RORTY, 1989.

¹⁷ FEYERABEND, 1975 e 1987.

¹⁸ LYOTARD, 1984.

¹⁹ *Ibid.*, p. 41.

efeito cultural de transformações fundamentais no modo capitalista de produção. Sua análise dessas mudanças deriva da teoria de Mandel a respeito do capitalismo multinacional como a fase mais pura e abstrata do capitalismo. Visto dessa forma, o caráter fragmentário e superficial da cultura contemporânea pós-moderna é o correspondente de um sistema econômico descentralizado, cujos constituintes são crescentemente difíceis de localizar e definir, uma vez que as fronteiras entre a produção material e a produção e circulação de signos são objeto de uma crescente imbricação.

Jameson e Bell, em seus estudos críticos da “pós-modernidade”, partilham a idéia da necessidade de construir narrativas generalizadoras para compreender e colaborar na transformação da sociedade e da cultura pós-modernas. Essa preocupação os diferencia da corrente de teóricos franceses, segundo os quais qualquer tentativa nesse sentido será tanto historicamente obsoleta quanto politicamente perigosa. Bell prevê e propõe o retorno à religião – que forneceria uma base para a reconstrução de uma moral coletiva – como a única maneira de superar as tendências perturbadoras na cultura pós-moderna, embora ele não seja suficientemente preciso a respeito da maneira que o “religioso” irá retornar, nem sobre como suas próprias tendências destruidoras podem ser evitadas.²⁰

A análise de Jameson do momento pós-moderno levou-o a enfatizar as transformações da esfera da cultura em suas articulações com a dinâmica do sistema capitalista. Ele caracteriza a cultura pós-moderna com base em algumas marcas básicas, todas relacionadas à mais recente fase de desenvolvimento do sistema capitalista. A primeira delas é a superficialidade, denotada no caráter fundamentalmente anti-hermenêutico dos produtos e teorias artísticas contemporâneos. Essa marca também pode ser encontrada, segundo Jameson,²¹ nas transformações teóricas denominadas pós-estruturalistas. A segunda é o enfraquecimento da historicidade, que produz, tanto no âmbito da coletividade quanto no da subjetividade, sociedades com uma tendência pa-

tológica à incapacidade de lidar com o tempo presente e a história, como também à fragmentação do sujeito, substituto pós-moderno do fenômeno moderno da alienação.²²

Uma terceira marca da cultura na pós-modernidade é uma nova tecnologia diferenciada daquelas dos períodos anteriores, pelo fato de não ter nenhum poder visual ou emblemático representacional. Essa nova tecnologia é significativa, pois é metáfora apenas do novo estilo de organização econômica-política-cultural: a emergente rede informacional, descentrada e global do capitalismo multinacional. O computador e a televisão são encenações do tipo novo de sociedade, para o qual nosso equipamento perceptivo ainda não está preparado, formado que foi com base em noções completamente diferentes de tempo, espaço e velocidade.

Fundamentando-se nesse esboço da cultura contemporânea, do momento pós-moderno, Jameson estabelece o que deve ser a tarefa da teoria social pós-moderna: dar nome ao sistema, classificá-lo, produzir uma organização em meio à confusão dos signos e das novas conjunturas. Com o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelos indivíduos para definir seu status de sujeito nessa nova ordem, constituída pelo estabelecimento de uma sociedade de rede global e da intensificação crescente da configuração multinacional do capital, Jameson propõe como uma saída possível a estética política do mapeamento cognitivo.²³ Essa proposta prevê a produção do sentido de localização individual local e nacional, mas que inclua uma compreensão partindo da percepção do contexto mais próximo e imediato em referência ao contexto espacial mais amplo. Para ele, esse *mapeamento cognitivo é conditio sine qua non* à renovação das estratégias políticas socialistas na pós-modernidade.

A seguir, passaremos a comentar algumas propostas e objeções metodológicas levantadas no âmbito da contribuição dos pós-modernos às maneiras de conduzir a pesquisa social ligadas às ciências sociais modernas.

²⁰ BELL, 1980.

²¹ JAMESON, 1991.

²² Cf. idem, 1984.

²³ *Ibid.* e 1991.

METODOLOGIAS PROPOSTAS PELOS AUTORES PÓS-MODERNOS: A SÓCIOSEMIÓTICA E A DESCONSTRUÇÃO

O impacto do pós-modernismo como estratégia metodológica fica mais evidente na etnografia contemporânea e nas abordagens feministas. Mais uma vez, tem havido aqui uma reação defensiva por parte de alguns pesquisadores mais convencionalmente orientados,²⁴ chegando a ponto de elogiar, como mérito de dois livros recentemente publicados, o fato de “não darem nem um milímetro de atenção à sedução atualmente exercida pelo pós-modernismo e pela desconstrução”.²⁵ Outros, todavia, têm sido mais abertos a estratégias alternativas de representação do mundo social em seus próprios trabalhos, incorporando, seletivamente, alguns temas pós-modernos.²⁶ Duas principais propostas metodológicas têm sido discutidas como estratégias de pesquisa social pós-moderna, a saber, a sociosemiótica e a desconstrução.

Aspectos da Metodologia Sociosemiótica

É inegável o significado da semiótica nas análises pós-modernas. Sua dupla origem, nos escritos de Saussure e nos de Peirce, determina as diferenças entre seus aportes, particularmente quanto ao *status* do mundo externo. A formulação de Peirce, defensora da inclusão do mundo externo dos objetos materiais na teoria da significação, é, ao nosso ver, mais utilizável na análise concreta dos fenômenos sociais e culturais do que a de Saussure.

Concordamos com Gottdiener na crítica à maneira pela qual alguns sociólogos têm empregado a semiótica como uma estratégia metodológica pós-moderna, ligando sua apropriação a visões saussureanas idealistas, seguindo o viés dos pós-estruturalistas franceses, especialmente o de Baudrillard.²⁷ Esse autor propõe um uso mais conseqüente da semiótica na pesquisa social pós-moderna, sugerindo-lhe um terreno empírico mais firme, mediante a sociose-

miótica, cujas premissas básicas apresentamos a seguir:

1. Os signos capturam a articulação entre os universos de significados e o mundo material. Pós trás do infinito regresso do significado existe um mundo real objetivo ou referentes objetivos, como sugere Peirce, mesmo se o objeto é um elemento de fantasia construído, como um unicórnio, que existe parte como um texto, parte como uma imagem. Isso significa que pelo menos alguém deve ter visto uma imagem do unicórnio, ou alguma descrição lexicográfica, de modo a poder “saber” como um unicórnio é. Ao contrário da desconstrução, que lida com a filosofia da consciência, fazendo uma análise da “culturalista” da cultura, ou, em outras palavras, criticando representações, ou imagens mentais, valendo-se de um intérprete independente da cultura, sem nenhuma necessidade de conexão com o contexto social ou com a prática social, a sociosemiótica preocupa-se em abordar a articulação do mental e do extra-semiótico, da dimensão material da vida cotidiana com as práticas significativas dentro de contextos sociais mais amplos.

2. Os sistemas de significação são estruturas multinivelares que determinam os signos denotativos e, além disso, os códigos particulares nos quais se inscrevem os valores sociais, ou, no dizer de Barthes, as ideologias conotativas da cultura. Para a sociosemiótica, todos os significados emergem dessa dimensão mais codificada e mais articulada. A posição epistemológica principal da sociosemiótica é a de que a conotação precede a denotação. Tanto o mundo objetivo, produzido nele mesmo, quanto o nosso entendimento dele derivam de ideologias codificadas, que são aspectos constituintes das práticas sociais.

3. Embora haja o nível da vida cotidiana, caracterizado pelas complexas conotações do hiper-real – modos de representação que focalizam a imagem e sua manipulação pela mídia, como afirma Baudrillard –, isso não implica que as coisas significadas não existam. Os significados são eles mesmos baseados na experiência do cotidiano, que é o encontro do mundo material, que dá origem e suporte aos sistemas de valores e códigos da cultura. Novos significados estão sendo constantemente criados

²⁴ Cf. LOFLAND, 1993.

²⁵ *Ibid.*, p. 3.

²⁶ Cf. RICHARDSON, 1990; DENZIN, 1991 e 1992; CLOUGH, 1992; PFOHL, 1992.

²⁷ GOTTDIENER, 1985.

pelas pessoas por meio de suas interações sociais e experiências vividas.²⁸

4. Os signos circulam em sociedades avançadas entre o nível da experiência vivida, o de sua criação através dos valores de uso na vida cotidiana, e o de sua expropriação pelos sistemas hierárquicos de poder, incluindo seu uso como valor de troca no mercado de bens de consumo. Assim, os signos não são apenas expressões simbólicas, mas também símbolos expressivos, utilizados como ferramentas para facilitar processos sociais.

A premissa geral da sociossemiótica é que qualquer objeto cultural é tanto um objeto de uso em um determinado sistema social com uma genealogia e um contexto quanto um componente em um certo sistema de significações. A base da sociossemiótica é a polissemia e a necessidade de analisar a articulação dos objetos culturalmente dados com os vários sistemas de signos, partindo-se do ponto de vista do produtor e do consumidor de cultura.²⁹

A análise sociossemiótica aponta para alguns desenvolvimentos futuros da pesquisa social, propondo, em primeiro lugar, a consideração da cultura material com base na análise da circulação dos signos, dando atenção, inclusive, aos significados residuais, e, em segundo, a interpretação da cultura material em suas relações com as ações comunicativas. Isso significa reconhecer que as ações organizadas fundadas no uso de objetos como meios de expressão caracterizam muito da cultura. Em último lugar, sugere um aporte metodológico capaz de dar conta da polissemia que marca a pós-modernidade, focalizando, inclusive, o papel das relações de poder na definição dos significados que serão legitimados e dos que serão relegados à obscuridade e enviados às margens do discurso social.

Aspectos da Metodologia da Desconstrução

Outra proposta metodológica ligada ao pós-modernismo é a desconstrução. Alguns autores

têm procurado demonstrar como ela pode ser empregada enquanto estratégia interpretativa de pesquisa sobre textos culturais. De acordo com Derrida e outros pensadores pós-estruturalistas, a definição de textos culturais inclui tratados científicos e políticos, bem como produções artísticas e literárias, sendo o critério para transformá-los em objetos da desconstrução o da representação científica equivocada de seus conteúdos como únicos e fixos, suprimindo, por isso, outras possibilidades de interpretação.

A aplicação da desconstrução em disciplinas acadêmicas além da filosofia tem obedecido duas linhas gerais. A primeira, liderada pelos críticos literários da Yale, Geoffrey Hartman e J. Hillis Miller, defende uma abordagem interminavelmente aberta e infinita de leitura de textos, celebrando o impulso lúdico dionisíaco do pensamento de Nietzsche. A segunda apropriação, defendida mais enfaticamente pelo teórico de literatura britânico Christopher Norris, critica a abordagem lúdica pelo fato de que, nela, qualquer coisa cabe, propondo em seu lugar uma maneira mais rigorosa de desconstrução de textos que identifique um número limitado de interpretações alternativas.³⁰

O *desconstrucionismo*, assim como o *pós-modernismo* e o *modernismo*, é um termo complexo. É um conceito intimamente ligado às análises filosóficas de Jacques Derrida,³¹ cujo trabalho consiste, em certo sentido, numa continuação do ataque de Husserl à crise do empiricismo no Ocidente. Também é influenciado pela teoria estruturalista da linguagem elaborada por Saussure, na investida radical de Nietzsche aos sistemas objetivos de verdade e do conhecimento, na crítica de Freud ao sujeito autoconsciente e na de Heidegger à metafísica ocidental.

Metodologicamente, o desconstrucionismo dirige-se à interrogação de textos. Ele envolve a tentativa de escavar e revelar os significados implícitos, os vieses e os preconceitos que estruturam a maneira pela qual um texto conceitua sua relação com o

²⁸ Cf. *Ibid.*

²⁹ Gottdiener oferece um exemplo das vantagens das estratégias de pesquisa semiótica baseadas em Peirce, apresentando o que ele chama de uma análise sociossemiótica da Disneylândia, ao relacionar a construção do seu *design* e a escolha dos seus temas à biografia de Walt Disney e aos códigos de consumo dominantes da cultura de massa dos Estados Unidos (1982).

³⁰ Um bom exemplo da aplicação da concepção de Norris, acima citada, é a leitura de Denzin do filme *The Morning After*, bem como o seu último trabalho, em que associa a análise desconstrucionista com os estudos culturais. Cf. DENZIN, 1992.

³¹ DERRIDA, 1976; e DERRIDA *et al.*, 1981.

que ele descreve. Isso requer que os conceitos tradicionais, a teoria e a compreensão que cercam um texto sejam revelados, incluindo a suposição de que a intenção de um autor pode ser facilmente determinada.

As estratégias-chaves da desconstrução, ou do desconstrucionismo, incluem: 1. romper com as fórmulas que fazem corresponder palavras escritas a palavras faladas, palavras faladas a experiências mentais, e a voz ao pensamento; 2. demonstrar a indeterminação fundamental do significado; 3. indicar a produção textual do sujeito como um sistema de diferenças; 4. atacar a capacidade mimética de um texto em relação à representação da experiência; 5. desenvolver o que Derrida chama de gramatologia, uma ciência do estudo da escrita, da fala e dos textos, que possibilite a reescrita da história da escrita, desenvolvendo uma nova teoria da escrita e um conjunto de práticas desconstrutivistas gramatológicas.

Como foi visto anteriormente, o pressuposto básico que precisa ser aceito para a desconstrução ser utilizada na pesquisa social é que a cultura, assim como as relações sociais, possam ser encaradas como textos. Esse princípio se articula à desilusão presente nos autores pós-modernos com a ciência, concebida como um esforço no sentido de explicar fenômenos subordinando-os a leis gerais. Um dos problemas que precisam ser enfrentados pelos defensores dessa proposta de aplicação do desconstrucionismo ao entendimento do social é como ligar os textos às experiências da vida cotidiana dos indivíduos e aos contextos sociais dentro dos quais aqueles se tecem. Da capacidade de superar a distância entre os textos lidos e as narrativas das experiências, do substrato que lhes dá origem dependem a utilidade e o sucesso do empreendimento desconstrucionista em termos de pesquisa social.

O IMPACTO DAS PROPOSTAS METODOLÓGICAS PÓS-MODERNAS SOBRE A PRÁTICA DA ETNOGRAFIA

Em termos metodológicos, tem sido significativo o impacto do pós-modernismo sobre as abordagens etnográficas na antropologia e na sociologia. Em nenhuma esfera, nas ciências sociais, a in-

trodução da problematização pós-modernista teve efeitos mais profundos do que na reavaliação de como as etnografias são produzidas. Nessa área, a revisão pós-estruturalista das maneiras convencionais pelas quais os autores e textos têm sido definidos tem originado várias novas formas de representar os sujeitos da pesquisa de campo.

Convivendo com a maneira tradicional de fazer etnografia tanto na antropologia quanto na sociologia,³² pelo menos três tipos gerais de etnografia pós-moderna têm ganhado significativa visibilidade: 1. o trabalho de campo pós-moderno, que enfatiza a problemática do status do etnógrafo como autor; 2. a etnografia radical, que alarga o enfoque da abordagem etnográfica no sentido de incluir filmes, programas de televisão, ficção, sonhos e outras fontes não convencionais de dados; 3. a etnografia pós-moderna feminista, que desconstrói o viés patriarcal na autoridade etnográfica.

O Trabalho de Campo Pós-moderno

Para classificar as maneiras pós-modernas de fazer trabalhos etnográficos de campo, são usados conceitos como *etnografia interpretativa*, *experimental*, *polifônica*, *epifânica* e *minimalista*.³³ O que se sobressai em todas essas modalidades é a visão do “autor” como problemática, sendo atacada o que os etnógrafos consideram como a falácia do trabalho de campo tradicional, a influência autoritária do etnógrafo sobre o relato e a interpretação dos dados, mediante a tentativa de reduzir a influência do pesquisador pela criação de oportunidades para que os nativos falem por eles mesmos tanto quanto possível. O objetivo é produzir uma “polifonia” de vozes, ao invés de ouvir uma única voz ou poucas, concebida(s) como representativas do universo. Outra inovação no trabalho de campo pós-moderno é a maneira de escrever os relatos dos contatos com os nativos. Nos pontos obscuros, em vez de apresentar uma interpretação, o autor levanta uma série de questões, convidando o leitor a participar do processo interpretativo por meio da construção de eventuais res-

³² MANNING, 1989 afirma que muitos etnógrafos não leram os pós-estruturalistas franceses, o que permite à etnografia tradicional continuar sendo um modo proeminente de trabalho de campo.

³³ Cf. MARCUS & FISCHER, 1986; e DENZIN, 1989.

postas, capazes de possibilitar uma compreensão pessoal do contato com os informantes.

Etnografias Radicais ou Multitextuais

Um segundo grupo de etnografias pós-modernas estendeu a noção de *polifonia* aos modos e variedades de dados usados em abordagens etnográficas. Já que a vida cotidiana é um texto para ser analisado como qualquer outro,³⁴ o objeto da pesquisa etnográfica pode incluir uma grande multiplicidade de textos. Na antropologia, essa visão tem possibilitado o uso de poemas, filmes e romances.³⁵

As transformações acima indicadas são mais uma expansão das preocupações já existentes nos etnógrafos tradicionais do que pontos de partida inteiramente novos em relação ao campo. A despeito de suas diferenças internas, os etnógrafos clássicos, embora bastante confiantes tanto na legitimidade quanto na viabilidade de seu trabalho, já esboçavam uma certa compreensão dos limites e problemas inerentes aos seus métodos.³⁶

As questões morais levantadas pelos etnógrafos pós-modernos são igualmente objeto de controvérsia, na medida em que eles questionam as maneiras pelas quais os etnógrafos têm tradicionalmente legitimado seus empreendimentos. Se a etnografia não pode mais justificar sua ação de aumentar a compreensão e a cooperação entre diferentes grupos e culturas, por que continuar com ela? Embora isso não se constitua numa questão importante para muitos pós-modernistas, é um ponto crucial para aqueles que querem continuar fazendo etnografias, mesmo que, eventualmente, nos moldes pós-modernos.

CONCLUSÃO

Nesse momento final do texto, gostaríamos de tecer alguns comentários rápidos sobre as implicações políticas da ênfase na heterogeneidade e na diferença, presente tanto na teorização propriamente dita quanto nas metodologias pós-modernas. O

argumento principal em muito da recente literatura pós-moderna sugere que o conceito marxista de hegemonia está obsoleto, já que a abrangente fragmentação nas culturas contemporâneas e nas normas sociais impediria a possibilidade da dominação ideológica por um só grupo ou classe. Caberia, portanto, valendo-se do reconhecimento da impossibilidade de pensar o mundo com base em esquemas de polarização binária, a exemplo da dicotomia marxista das classes sociais, propor análises da sociedade que privilegiem uma consideração das relações e dos arranjos sociais fundada na heterogeneidade e na fragmentação.

Chamamos aqui a atenção dos estudiosos da sociedade para o fato de que tão importante quanto reconhecer esses princípios gerais como os prevalentes na conjuntura social atual é pensar nas possibilidades abertas pela disseminação dessas idéias em relação a esse momento “pós-moderno”, em termos de sua eventual instrumentalização pelos grupos de interesse e de poder. Concordamos com Goldman e Papson, que questionam a solução da heterogeneidade normativa e do culto ao pluralismo político como propícia a produzir nos cientistas sociais, e nos indivíduos, em geral, expostos ao discurso deles, uma atitude ingênua e, eventualmente, enganosa.³⁷

Para dar suporte a essa idéia, esses autores fazem uma análise de como a hegemonização do discurso da heterogeneidade e do pluralismo pode ser extremamente útil, por exemplo, à esfera do consumo nas sociedades capitalistas ocidentais.³⁸ De acordo com eles, a condição pós-moderna de ambigüidade radical é, inclusive, empregada por publicitários não apenas para vender seus produtos, mas, fundamentalmente, para reproduzir a ideologia consumista do capitalismo contemporâneo.

Goldman e Papson demonstram seu argumento por meio de avaliação detalhada de um comercial do tênis *Reebok*, veiculado pela televisão no ano de 1988.³⁹ O comercial, carro-chefe da campanha da marca citada para aquela temporada, é organizado, como demonstram esses autores, em ter-

³⁴ BROWN, 1986.

³⁵ Cf. MARCUS & FISCHER, 1986.

³⁶ A própria etnografia “pré-pós-moderna” colocava dúvidas tanto de natureza moral quanto de natureza epistemológica. Geertz, por exemplo, afirma: “os antropólogos adicionaram à preocupação com o ‘isto é decente’ a questão ‘isto é possível?’” (GEERTZ, 1988, p. 135).

³⁷ GOLDMAN & PAPSON, 1991 e 1994.

³⁸ *Ibid.*

³⁹ *Idem*, 1994.

mos da estética pós-moderna do pastiche, enfatizando a morte dos afetos, do desejo, da idéia de coletividade e da esquizofrenia lingüística, além da retirada dos valores e de qualquer proposta de sentido intencional dos textos culturais. Eles descrevem o comercial como um *metacomercial*, já que ele transforma a atitude céptica e cínica do público em uma mercadoria significativa.

Embora extremo, esse exemplo representa o modo pelo qual os publicitários atualmente se apropriam das críticas pós-modernas e as convertem, em seus comerciais, num estilo estético, com o objetivo de vender seus produtos. Essa nova estratégia pode ser situada historicamente como uma resposta à intensificação da competição pela preferência dos consumidores num ambiente de prevalectimento crescente da cultura do consumo contemporânea, o que exige dos publicitários uma contínua produção da diferenciação de suas mercadorias, em um campo dos signos comerciais crescentemente povoado e diversificado.

No sentido de avaliar alguns pontos da proposta dos teóricos da pós-modernidade, cabe aqui mencionar que uma das deficiências da semiótica pós-moderna e das abordagens desconstrucionistas é a falha delas em conectar a proliferação de imagens e o simulacro na cultura de massas com os processos econômico-políticos de produção de mercadorias que lhe subjazem. Concentrando suas análises somente no mundo hiper-real dos signos e dos significantes, essas abordagens proclamam, equivocadamente, o fim da produção nas sociedades contemporâneas. Agindo desse modo, os métodos de pesquisa pós-modernos reproduzem, não intencionalmente, o empiricismo ingênuo que eles criticam nos métodos de pesquisas positivistas e impedem a possibilidade de uma crítica social e política.

Partilhamos com Mills a convicção de que muitas de nossas categorias de análise derivam da grande transição histórica da Idade Média para a Idade Moderna e não são mais generalizáveis para os nossos dias.⁴⁰ Todavia, isso não significa dizer que os sociólogos precisam escolher entre uma sociologia pós-moderna e uma sociologia do pós-mo-

dermo. Ao nosso ver, qualquer abordagem da natureza da sociedade e da cultura contemporâneas deve ser tanto uma quanto outra, estimulando a formação de novas estratégias analíticas informadas pelas proposições pós-modernas, como a semiótica e a desconstrução, bem como a reprodução de estratégias tradicionais e a consideração de teorizações anteriores, no que elas se revelarem eficientes.

Uma compreensão das perspectivas pós-modernas tem vital importância para futuros projetos de pesquisa social contemporânea, inclusive em seus pontos de contato e de continuidade com a tradição nas ciências sociais, em geral, e na sociologia, em particular, e baseada em uma visão crítica da relação entre as mudanças ocorridas no campo intelectual e de sua articulação com o estado do mundo real. Nesse sentido, um dos pontos a serem considerados com bastante cuidado é a recusa dos autores pós-modernos em incluir, em sua proposta de leitura das culturas como textos, a necessidade de ir além dos mesmos, incluindo suas possíveis bases no âmbito do mundo da produção. Mesmo nos *shopping centers* contemporâneos, que alguns teóricos identificam como emblemáticos do hiper-espço pós-moderno, a sociedade do espetáculo é subsidiada pelo pagamento de salários abaixo do mercado aos proletários dos serviços urbanos. Consideramos não menos importante do que o reconhecimento das mudanças que caracterizam o nosso tempo como diferente de outros anteriores, o que exige dos cientistas sociais um investimento ousado num esforço de teorização e explicação do mundo contemporâneo, a tarefa de considerar a temática da desigualdade e da exploração na configuração dos atuais espaços públicos de glorificação e de reprodução do sistema de mercadorias-signos-valores.

Embora uma parte significativa da crítica dos pós-modernos à sociologia moderna possa ser considerada válida, argumentamos aqui que ela apresenta com frequência um retrato excessivamente reductor das teorias de pensadores como Marx, Weber, Durkheim e Simmel. Se lidos corretamente, é possível encontrar também nesses teóricos o reconhecimento das limitações da representação do mundo social, a visão da existência social como resultado precário de forças integradoras e fragmentadoras, e

⁴⁰ MILLS, 1961.

a percepção dos sujeitos como possuidores de uma limitada racionalidade, e parcialmente integrados e auto-articulados, dependendo sempre de condições históricas mutáveis.

Falhando em reconhecer esses aspectos de sua própria proposta, no afã de marcar a originalidade e a independência de suas abordagens de quaisquer outras que as precederam – sendo nesse ponto muito mais modernos do que pós-modernos –, os críticos da teoria social moderna, os pós-modernistas pecam por confundir alguns elementos essenciais das abordagens fundantes com o todo da teorização clássica do social.

Assim como é possível um olhar crítico sobre a contribuição dos sociólogos clássicos, determinados e limitados pelo tempo em que escreveram, nosso olhar sobre o momento atual do pós-moderno – pois podemos observar as transformações das tendências teóricas assim classificadas – indica que a teoria pós-moderna pode, ela mesma, ser vista como uma abordagem especificamente histórica, representando uma reação ao fim da era pós-guerra ou uma produção teórica influenciada por uma visão pessimista dos regimes conservadores que atualmente governam as superpotências do Ocidente.

Ao nosso ver, uma posição sensata não pode se eximir de considerar as objeções propostas pelos

teóricos da pós-modernidade tanto à teoria social moderna quanto às metodologias de pesquisa social tradicionais delas resultantes. Ao mesmo tempo, no lugar de adotar uma visão excessivamente fragmentada e a-histórica, ela implica assumir a tarefa de propor a construção de uma teoria social contemporânea compreensiva, que descreveria simultaneamente as estruturas institucionais centrais da sociedade e elaboraria diacronicamente seus modelos e processos centrais de desenvolvimento.

Essa teorização sobre o tipo de sociedade global seria, a um só tempo, sensível às preocupações pós-modernas em relação aos preconceitos clássicos do iluminismo e capaz de perceber as eventuais possibilidades de identificar as continuidades em termos de organização dos diversos arranjos sociais. Além de permitir a consideração das novas configurações da tecnologia, da cultura e das experiências sociais, ela permitiria o resgate do que, na teoria social clássica, permanece válido não somente pelas afinidades eletivas dos pesquisadores da sociedade com essa ou aquela corrente teórica, mas também porque se revelam eficazes na construção de um entendimento claro sobre o mundo contemporâneo, inclusive em referência à aspiração por mudanças sociais eventualmente consideradas necessárias, o que dá à teoria social sua vitalidade e significado.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, P. *As Origens da Pós-modernidade*. Trad. Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ALEXANDER, J. Sociological theory and the claim to reason: why the end is not in sight. *Soc. Theory*, 9:147-153, 1991.
- BAUDRILLARD, J. *In the Shadows of the Silent Majorities*. Trad. Charles Levin. New York: Semiotext(e), 1983.
- _____. *À Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BELL, D. (ed.). *The Return of the Sacred? The Winding Passage*. Cambridge: Abt Books, 1980.
- _____. *The Cultural Contradictions of Capitalism*. New York: Basic Books, 1976.
- _____. *The Coming of Post-industrial Society*. New York: Basic Books, 1973.
- BEST, S. *Politics of Historical Vision*. New York: Guilford Press, 1994.
- BROWN, R.H. *Society as Text: essays on rhetoric, reason and reality*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- CALHOUN, C. The infrastructure of Modernity. In: HAFERKAMP, H. & SMELSER, N. (eds.). *Social Change and Modernity*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1992.
- CLOUGH, P.T. *The End(s) of Ethnography*. Newburg Park: Sage, 1992.
- COLLINS, R. Cumulation and anti-cumulation in sociology. *American Sociological Review*, 55:462-463, 1990.

- DENZIN, N.K. *Symbolic Interactionism and Cultural Studies*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.
- _____. *The Images of Postmodernism: social theory and and contemporary cinema*. London: Sage, 1991.
- _____. *Interpretive Interactionismo*. Newbury Park, CA: Sage, 1989.
- DERRIDA, J. *Positions*. Trad. Alan Bass. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- _____. *Of Grammatology*. Trad. Gayatri Spivak. Baltimore: John Hopkins University Press, 1976.
- EAGLETON, T. *As Ilusões do Pós-modernismo*. Trad. Elizabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FEYERABEND, P. *Farewell to Reason*. London: Verso, 1987.
- _____. *Against Method*. London: Verso, 1975.
- FOUCAULT, M. *The Care of the Self*. Trad. Robert Huley. New York: Vintage Books, 1988.
- _____. *Power Knowledge: selected interviews and other writings*. Trad. Colin Gordon et al. New York: Pantheon Books, 1980.
- _____. *The Order of Things: an archaeology of the human sciences*. New York: Vintage Books, 1973.
- GEERTZ, C. *Works and Lives: the anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- GIDDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- GOLDMAN, R. & PAPSON, S. The postmodernism that failed. In: DICKENS, D. & FONTANA, A. (eds.). *Postmodern and Social Inquiry*. London: The Guilford Press, 1994.
- _____. Levi's and knowing wink. *Current Perspectives in Social Theory*, 11:69-95, 1991.
- GOTTDIENER, M. Hegemony and mass culture: a semiotic approach. *American Journal of Sociology*, 90:979-990, 1985.
- _____. Disneyland: a utopian urban space. *Urban Life*. 11(2): 139-162, 1982.
- JAMESON, F. *Postmodernism*. Durham: Duke University Press, 1991.
- _____. Postmodernism: or the cultural logic of late capitalism. *Left Review*, 146:53-92, 1984.
- LOFLAND, L. Fighting the good fight: again. *Contemporary Sociology*, 22: 1-3, 1993.
- LYOTARD, J-F. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- _____. *The Differend: phrases in dispute*. Trad. George van den Abbeele. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, 1988.
- _____. *The Postmodern Condition: a report on knowledge*. Trad. Geoffrey Bennington & Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- MANNING, P. Strands in the Postmodernist Rope: oxymorons in the desert. Trabalho apresentado no Congresso da Sociedade para o Estudo da Interação Simbólica, realizado em São Francisco, no período de 07-09 de agosto/1989.
- _____. *Semiotics and Fieldwork*. Newbury Park: Sage, 1987.
- MARCUS, G.E. & FISCHER, M.J. *Anthropology as Cultural Critique: an experimental moment in the human sciences*. Chicago: Chicago University Press, 1986.
- MILLS, C.W. *The Sociological Imagination*. New York: Grove Press, 1961.
- _____. *White Collar*. New York: Oxford University Press, 1951.
- PFOHL, S. *Death at the Parasite Café*. New York: St. Martin's Press, 1992.
- RICHARDSON, L. *Writing Strategies: reaching diverse audiences*. Newbury Park: Sage, 1990.
- RORTY, R. *Contingency, Iron and Solidarity*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1989.
- SEIDMAN, S. The End of Sociological Theory: the postmodern hope. *Sociological Theory*, 9:131-146, 1991.